

Coisas da Política



O observador em seu mirante

A ÚNICA ORIENTAÇÃO para a vida dos homens e das sociedades é a do passado, mais próximo ou mais distante. Os homens, há milhares de anos, são os mesmos em inteligência, mas seus atos dependem das circunstâncias, e estas, de alguma forma, também se repetem. Assim como somos prisioneiros de dois limites insuperáveis, o do tempo e o do espaço – associados para nos reduzir ao que somos – nossa vida social está, para o bem e para o mal, de forma ativa ou passiva, submetida à paixão do poder. Essa paixão se move pelas idéias e pelo interesse, pelo altruísmo e pelo egoísmo, e seu veículo é a política.

Nestes anos iniciais do século – repetindo um fenômeno comum às gerações que envelhecem – têm surgido biografias e livros de memórias que nos trazem a experiência do passado, no Brasil e em outros países. Neles, a marca mais poderosa é a da nostalgia do caráter, da proibidade intelectual e do devotamento ao humanismo de excepcionais homens do século 20. Quando os memorialistas foram testemunhas privilegiadas dos fatos, e conviveram com os personagens examinados, as obras se tornam indispensáveis a todos os cidadãos interessados no futuro de seus povos.

O embaixador Affonso Arinos, filho, acaba de publicar um depoimento sobre seu tempo. Nele, reúne suas experiências políticas no Brasil e suas observações sobre a conjuntura internacional contemporânea, que lhe coube acompanhar durante a rica carreira diplomática. O título, *Mirante*, singelo como o de todos os bons livros, reflete bem o conteúdo. Affonso busca narrar os fatos com distanciamento, mesmo aqueles dos quais participou como homem público, e examinar, com certa indulgência, mas sem omissões, as grandes personalidades com as quais conviveu.

Não é o seu primeiro livro de memórias, mas este é mais abrangente na reconstrução histórica e nas reflexões políticas. Dir-se-ia que, na medida em que se distancia dos fatos, pode vê-los em sua verdadeira grandeza, aferida pelas repercussões históricas.

Com a autoridade da origem familiar, não esconde o desapontamento com o imperialismo (o substantivo não admite eufemismos) norte-americano e, antigo embaixador junto ao Vaticano, confessa a admiração por João XXIII, no confronto com seus sucessores, e não omite fatos históricos que comprometem a Santa Sé.

O mais importante dessas observações se refere ao Brasil. Embora nem todos fossem assim, os maiores homens públicos do passado podiam ser conservadores e reacionários radicais, extremistas passionais e de personalidade bipolar, mas não lhes faltava caráter, entendendo-se o vocábulo em sua neutralidade ideológica. Enfim, eram homens com personalidade definida e certa fidelidade aos valores republicanos.

Foi um tempo marcado pela decisiva personalidade de Getúlio, que dividiu o Brasil em dois campos. Pela própria origem familiar, Affonso tinha razões para colocar-se, como seu pai, no campo da UDN. Mas, como seu pai, passou a entender melhor Getúlio depois da tragédia de 24 de agosto – como, de resto, ocorreu a muitos da mesma geração e da mesma origem de classe. Foi assim que o autor se distanciou de Carlos Lacerda, ao defender a política externa durante o governo Jânio, chefiada pelo chanceler Affonso Arinos, a qual era atacada violentamente pelo então governador da Guanabara.

Além da importância histórica, o livro de Affonso fascina o leitor, pela elegância e limpeza de estilo. E pela sensibilidade diante da cultura e da arte de um mundo hoje ameaçado por nova idade das trevas.

Há milhares de anos, os homens são os mesmos em inteligência

abrangente na reconstrução histórica e nas reflexões políticas. Dir-se-ia que, na medida em que se distancia dos fatos, pode vê-los em sua verdadeira grandeza, aferida pelas repercussões históricas.